

## RESUMOS

**Orfandade Feminina, Mercado Matrimonial e Elites Sociais em Macau (Século XVIII)**

Este artigo é um pequeno fragmento de uma investigação mais vasta, cujo objectivo é reconstruir a prolongada circulação de crianças e jovens mulheres, na sua maioria de origem chinesa que, vivendo numa situação de profunda dependência social, contribuíram de forma paradoxal para a sobrevivência política, económica, cultural e simbólica de uma presença dita “portuguesa”. No enclave macaense, ao invés do que sucedeu noutros espaços coloniais, a presença de mulheres europeias foi muito limitada até quase finais do século XIX. Neste contexto, procura-se compreender como, entre os séculos XVI e XIII, estas crianças e jovens mulheres eram recrutadas, se tornavam suportes essenciais para garantir os mercados sexuais e os casamentos e como, em contrapartida, estes mercados permitiam a sobrevivência de sistemas de parentesco, famílias e unidades domésticas que a literatura colonial etiquetou de “portuguesas” e que, mais recentemente, foram rotuladas de “macaenses”. Este sistema era amplamente controlado pela Santa Casa da Misericórdia, uma instituição que, desde finais do século XVI, controlava a caridade cristã dirigida para a subalternidade feminina chinesa. Este artigo estuda uma série contínua de orfãs que receberam dotes, distribuída entre 1745 e 1780, cruzada com outra série de trocas e empréstimos dada pela Misericórdia entre 1760 e 1780 aos grupos de mercadores que dominavam o comércio local. Ao juntar as duas séries documentais, destaca a estreita relação entre a alta burguesia mercantil macaense e a exploração da condição feminina em situação de subalternidade social.

[Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 6-39]

**A Vida e o Legado de Marta da Silva Van Mierop**

A partir do cruzamento de fontes portuguesas, inglesas e italianas reconstituimos os poucos dados existentes sobre a vida de Marta da Silva Van Mierop, uma das maiores benfeitoras da cidade de Macau oitocentista. Uma fase da vida

da armadora – enquanto figura feminina chinesa ímpar, mas também misteriosa, da História do enclave – foi ficcionalizada por Austin Coates no romance histórico *City of Broken Promises* (1967), pelo que abordamos também a recepção dessa obra em Macau após a sua publicação, enquanto recorremos ao testamento de Marta para caracterizar a sua vivência religiosa e estudar a importância do seu legado à cidade.

[Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 40-51]

**Histórias de Vida de Mulheres e Famílias entre Macau e Timor na Primeira Metade do Século XX**

Devido à sua situação geográfica e especificidade política, Macau embora nunca se tivesse envolvido directamente em qualquer guerra, sofreu a influência dos grandes conflitos armados que atravessaram a região nos finais do século XIX e primeira metade do século XX. A proximidade com estes conflitos levou a que os habitantes de Macau sentissem a vida marcada e delineada pela guerra, pela miséria e pela dor. As mulheres e crianças, porque mais desprotegidas, vulneráveis e com menores recursos, foram talvez quem mais sofreu. É sobre elas que este estudo incide, apresentando as conturbadas histórias de vida de quatro mulheres – Amália, Joana, Brígida, Irene –, que decorreram num tempo histórico particular e num contexto de transformações sociais, políticas e económicas. A vida leva-as a conhecer o abandono, a viuvez e a orfandade. São histórias ligadas a uma situação social que era comum entre filhas de casamento inter-étnicos e cuja opção matrimonial passava pelos seus pares ou pelo casamento com portugueses geralmente militares. Nesse matrimónio esperavam encontrar estabilidade financeira, protecção e promoção social mas que por vezes não resultava favoravelmente.

[Autor: Isabel Correia Pinto, pp. 52-62]

**Representações Coloniais no Feminino. O ‘Oriente’ de Isabel Tamagnini**

O *Diário de uma Viagem a Timor* (1882-1883) descreve o itinerário de Isabel Pinto da França Tamagnini entre Singapura

e Díli. O *Diário* oferece uma representação peculiar da cultura asiática e das suas mulheres, através do olhar de uma europeia cuja formação e mundividência em pouco ultrapassavam a esfera doméstica e religiosa. A escrita de Tamagnini reflecte a sensibilidade de um estrato privilegiado da sociedade, que considerava a escrita feminina como um passatempo tolerável de senhoras prendadas. Logo nas primeiras linhas do *Diário*, Tamagnini afirma claramente que a sua produção e recepção devem restringir-se ao círculo da família e amigos, pois ela mesma o considera um texto recreativo e impressionista. Mas é precisamente esta característica que faz do *Diário* de Tamagnini um documento da sociedade colonial portuguesa de finais do século XIX. Tamagnini compõe uma representação subjectiva de uma realidade ‘exótica’ e dos seus actores, recordando a noção de ‘orientalismo’ de Edward Said. O olhar de Tamagnini é dominado pela pertença a uma elite etnocêntrica e produz um texto crítico, simultaneamente confessional e moralizador. Tamagnini parece viajar através de espaços de socialização aristocrática, mais do que através de geografias e culturas. Mas o espaço urbano é progressivamente substituído pelo território ‘selvagem’, à medida que a viagem se aproxima do destino. E aqui o *Diário* funciona como texto paradigmático, se bem que por vezes irreverente, de uma representação etnocêntrica da colónia, dos agentes coloniais e ‘seus’ colonizados, com especial atenção à descrição dos ‘tipos’ femininos observados ao longo desta Viagem a Timor.

[Autor: Clara Sarmento, pp. 63-76]

**Em Busca do Humor Popular. O Culto Rebelde de Nezha em Macau**

Em Macau existem dois pequenos templos dedicados a Nezha. Acredita-se que este deus-criança advém da divindade hindo-budista Nalakubara. Nezha tornou-se mais conhecido na dinastia Ming através do conto *Fengshen Yanyi*. Desrespeita tudo o que é oficial, desafia a autoridade, atreve-se a troçar do poder divino e tenta, inclusivamente, cometer parricídio – um

## RESUMOS

comportamento aberrante, tabu social em todas as culturas. À parte o seu papel como patrono das crianças, foi durante algum tempo honrado como deus das lotarias e do jogo. A emergência do seu culto em Macau foi provocada quer por crenças mitológicas, quer por exigências de sustentação socioéticas. De acordo com a lenda, Nezha apareceu na Calçada das Verdades e cedo se tornou um ícone que suportava a moral da população quando, no início do século xx, Macau sofreu com tumultos políticos que geravam instabilidade ou com epidemias devastadoras. O mito de Nezha ilustra características do humor popular e celebra a libertação “temporária” da verdade dominante e da ordem estabelecida. Ao longo dos séculos a sua atitude rebelde, transgressora e anti-poder foi fonte de catarses hilariantes, proporcionando à população a oportunidade de se transpor para um mundo de fantasia. Tal transposição é o antídoto necessário contra a sinistra realidade, o que torna o culto popular e duradouro. [Autor: Christina Miu Bing Cheng, pp. 77-93]

### Canhões na Fortaleza do Monte

O Forte de São Paulo faz Monte, mais conhecido por Fortaleza do Monte é a mais importante fortificação de Macau. A sua construção, iniciada antes de 1617, é considerada muito oportuna dado que Macau foi invadida pelos holandeses em 1622. Foi um tiro dali disparado que, ao fazer explodir um barril de pólvora, desmoralizou os atacantes que se puseram em fuga. O governador Francisco de Mascarenhas, nomeado em 1625, instalou a sua residência na Fortaleza juntamente com a defesa militar. Completou a construção, adicionando os bastiões de canto que resultam na planta básica que existe hoje. Mascarenhas estabeleceu também uma fundição de canhões de que era responsável Manuel Tavares Bocarro. Os canhões então produzidos tornaram-se famosos pela sua excelência e os que à data existiam em Macau foram substituídos em 1870 por outros modelos feitos em ferro. Ainda hoje restam 22 desses canhões de ferro forjado, de carregar pela boca, que datam aproximadamente de 1860. Servem como

memória de um passado turbulento e são uma parte importante do património de Macau.

[Autor: Richard Garrett, pp. 94-103]

### Contacto Cultural Oriente-Occidente em Dejima. Troca e Impacto Intelectual no Período Edo no Japão

Este artigo faz uma abordagem em dois sentidos sobre o estudo da informação que os académicos ocidentais recolheram em Dejima e nas suas visitas ao resto do Japão. Engelbert Kaempfer, um dos estudiosos ocidentais que mais cedo visitou o Japão, desenvolveu uma aproximação original para a compreensão do país, discutida em detalhe na primeira metade do artigo. Talvez tenha sido a sua abordagem analítica de compreensão Japão que tornou os seus trabalhos tão extensamente lidos ao longo dos séculos. A segunda parte do artigo trata da influência da pintura ocidental introduzida no Japão, via Dejima, através da análise do trabalho do artista japonês Kawahara Keiga, que forneceu ilustrações para a famosa publicação de Phillip Franz von Siebold, *Nippon*. Não se sabe muito acerca de Kawahara, mas os seus desenhos do país e da sua sociedade contribuíram para a difusão, em larga escala, do Japão junto das audiências na Europa.

[Autor: William Shang, pp. 104-119]

### Retrato e Construção de Uma Realidade Cultural. A China e Diego de Pantoja

No século xvi o Oriente atrai os europeus através de uma imagem que por vezes é pouco real por ter sido construída com dados deformados e mal interpretados. A chegada à China dos padres da Companhia Jesus contribuiu para alterar este estado de coisas. Assim, através dos seus próprios meios, pelo dia-a-dia dedicado às suas tarefas, sem negligenciar o seu objectivo missionário, um grupo de homens, dirigido pelo padre Ricci, viveria a experiência da diversidade e a necessidade de estabelecer pontes de aproximação e compreensão. Este texto centra-se em Diego de Pantoja, único jesuíta espanhol que tomou activamente parte neste processo de comunicação intercultural. Graças a ele, e através de uma Carta na qual relata boa parte

da sua experiência em terras chinesas temos hoje, quatro séculos passados, elementos em primeira mão sobre a geografia, a economia, o comércio, a tecnologia, a alimentação, a família, o exército, a burocracia, a corte, os cerimoniais, a religião e as diversas instituições sociopolíticas.

Pantoja não só aproxima culturas, mas também pessoas e tempos.

[Autor: Beatriz Moncó, pp. 120-128]

### A Hidrografia do Camboja em Fontes Textuais e Cartográficas Portuguesas da Época Moderna

Os portugueses chegaram ao litoral do Camboja nas primeiras décadas do século xvi, provavelmente logo depois de 1513, data da primeira viagem entre Malaca e o litoral da China na qual participaram portugueses. Desde então, navios lusitanos cruzaram intensamente o Mar do Sul da China, procurando identificar os principais centros produtores e/ou distribuidores de produtos de luxo, bem como as mais frequentadas rotas marítimas. Informações sobre o Camboja começam desde cedo a ser recolhidas quer em relatos geográficos, quer em textos de carácter roteirístico, quer em cartas e mapas. A pouco e pouco, os portugueses vão reunindo um significativo conjunto de notícias sobre o Camboja, que vão sendo completadas através da realização de efectivas viagens no interior desta região asiática, levadas a cabo por mercadores, aventureiros e missionários. Personalidades de relevo da cultura portuguesa quinhentista aparecem ligados ao Camboja: o grande poeta Luís de Camões teria naufragado na foz do Mekong na década de 1550; o dominicano Frei Gaspar da Cruz visita a capital cambojana na mesma década; na década de 1570, o cartógrafo Fernão Vaz Dourado produz belos mapas do Camboja; um pouco mais tarde, o cronista Diogo do Couto recebe detalhadas descrições da abandonada metrópole de Angkor Vat. É todo um cabedal de conhecimentos inovadores, que por via portuguesa chegarão à longínqua Europa, revolucionando o saber geográfico europeu.

[Autor: Rui Manuel Loureiro, pp. 129-144]